

# Dossiê Temático

## Feitiços e Encantamentos do Contemporâneo

**Gabriel Lacerda de Resende (org.)<sup>1</sup>**  
Universidade Federal Fluminense

**Marcelo Santana Ferreira (org.)<sup>2</sup>**  
Universidade Federal Fluminense

**Maria Elizabeth Barros de Barros (org.)<sup>3</sup>**  
Universidade Federal do Espírito Santo

**Pablo Cardozo Roccon (org.)<sup>4</sup>**  
Universidade Federal de Mato Grosso

LACERDA DE RESENDE, Gabriel; FERREIRA, Marcelo Santana; BARROS DE BARROS, Maria Elizabeth; ROCCON, Pablo Cardozo. **Feitiços e Encantamentos do Contemporâneo: apresentação ao dossiê.** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 10 (24): 11-16, setembro a dezembro de 2023. ISSN: 2358-

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. É autor de "Incendiar a tempestuosa noite: imagens da verdade, imagens da coragem" (7Letras, 2022, finalista do Prêmio Uirapuru).

<sup>2</sup> Mestre e doutor e Psicologia pela PUC/RJ, Professor de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da UFF e do Programa de pós-graduação em Psicologia: Estudos da Subjetividade/UFF-Niterói.

<sup>3</sup> Professora Titular do Departamento de Psicologia da UFES.

<sup>4</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor do Instituto de Saúde Coletiva e da Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

## APRESENTAÇÃO AO DOSSIÊ

# Sobre feitiços e encantamentos: exercícios de criação e crítica com os modos de subjetivação no Brasil contemporâneo

*Então fizeram o papel do dinheiro proliferar por toda parte, assim como as panelas e as caixas de metal, os facões e os machados, facas e tesouras, motores e rádios, espingardas, roupas e telhas de metal. Eles também capturaram a luz dos raios que caem sobre a terra. Ficaram muito satisfeitos consigo mesmos. Visitando uns aos outros em suas cidades, todos os brancos acabaram por imitar o mesmo jeito. E assim as palavras das mercadorias e do dinheiro se espalharam por toda a terra dos seus ancestrais. É o meu pensamento. Por quererem possuir todas as mercadorias, foram tomados de um desejo desmedido. Seu pensamento se esfumou e foi invadido pela noite.*

(Davi Kopenawa Yanomami e Bruce Albert, *A Queda do Céu*)

A proposição de um dossiê temático pode atender, via de regra, aos mais variados anseios: sistematizar as produções de um grupo de pesquisa, apresentar o pensamento de um autor ou reunir artigos abordando um mesmo campo problemático, dentre outras possibilidades. No caso do conjunto de textos que agora nos cabe apresentar, o que moveu o desejo de pensar coletivamente a espessura de nosso presente foi uma estranha sensação: uma espécie de aturdimento e desorientação, paralelas à percepção - difusa, mas inequívoca - de que era preciso se colocar, urgentemente, à altura do que nos acontecia, para dar passagem ao que nos fortalecia e diferir do que nos violentava. Convocar a escrita e o pensamento desde a heterogeneidade de perspectivas que conforma a experiência brasileira se colocou, então, como uma espécie de exigência: pensando e escrevendo, poderíamos dar contorno ao que nos acometia e esboçar caminhos em meio às ruínas.

Estávamos a cerca de um mês da eleição mais importante do país desde a redemocratização; estávamos às vésperas da necessária e inequívoca vitória eleitoral que já vinha, que não podia deixar de vir, impulso fundamental, mas sabidamente insuficiente, para romper a redoma de horror que asfixiava o país. Mas também era inescapável cogitarmos que isto de que ansiávamos escapar pudesse ser apenas a antessala de uma noite mais profunda e perene, na qual afundaríamos de vez se a maioria da população brasileira chancelasse, já sem a desculpa da ignorância, o prolongamento de um projeto político fundado na morte e na destruição.

A possibilidade de que isso se concretizasse passou a nos assombrar mais insistentemente a partir dos resultados do primeiro turno das eleições, quando a euforia por uma possível vitória acachapante foi substituída pelo choque diante do amplo apoio eleitoral aos representantes de modos de vida violentos e intole-

rantes às diferenças. À medida que passavam os dias, percebíamos que essa aprovação não fora enunciada apenas na forma discreta do voto; ela tornava-se cada vez mais vocal, o brado vitaminado pela conquista da maioria das cadeiras do Congresso Nacional ecoando nas fileiras cada vez maiores do que parecia ser um exército marchando apaixonado rumo à própria morte.

Foi em meio a esse turbilhão que uma de nós, em conversa casual com um taxista, escutou dele que as pessoas que apoiavam a continuidade de um projeto comprovadamente genocida pareciam estar enfeitiçadas. A assertiva colhida ao acaso no cotidiano da cidade indicava uma chave de leitura; não se tratava, evidentemente, de recorrer a qualquer explicação mística, mas de compreender o que nos aturdiava como efeito de uma produção desejante muito específica, um certo regime afetivo capaz de criar e sustentar a crença em uma realidade periodicamente desmentida pelo jornalismo profissional, pelas instituições de Estado e pelas ciências. Nesse sentido, pensar em termos de feitiçaria poderia ajudar a elucidar o fenômeno das *fake news*, por exemplo, não em termos de uma oposição entre a fantasia e o factual, ou de um déficit de conhecimento ou consciência, mas como um processo de produção de subjetividade em que verdade, crença e desejo se agenciam de maneira muito particular.

Que forças, no Brasil contemporâneo, estariam entrando em convergência para produzir um desejo de destruição - inclusive dos próprios agentes desta destruição -, apesar de todos os esforços e demonstrações em contrário? De que modos - mais ou menos institucionalizados, mais ou menos inusuais - se articulava a feitiçaria que ameaçava tomar a subjetividade brasileira em sequestro rumo ao abismo?

\*\*\*

O tema do feitiço, ou da feitiçaria, não é estranho ao exercício da crítica dos modos de subjetivação. Não seria exagero situar sob a chave do feitiço um dos gestos fundantes da subjetividade no capitalismo; afinal, de que outro modo pode-se compreender a personificação das coisas e a reificação das pessoas, senão como um feitiço? Num processo que vai da alienação ao fetichismo da mercadoria, Marx aproveitou a vizinhança etimológica para designar a magia dessa inversão que conferia ao capitalismo exatamente o aspecto de uma "religião da vida cotidiana" (MARX, 1985: 280).

Antunes (2019) retoma a investigação etimológica de "fetiche", empreendida pelo iluminista Charles de Brosses a meados do século XVIII, para demonstrar o afrancesamento da palavra de origem portuguesa *fetisso* - "coisa feita, encantada, divina" -, por sua vez oriunda da forma passiva do latim *facticius*, "feito pela arte, artificial, e aplicado provavelmente a amuletos, imagens e ídolos" (ANTUNES, 2019: 175). Se acrescentamos a isto os dois sentidos mais recorrentes nos dicionários de língua portuguesa - objeto mágico ou sobrenatural ao qual se presta culto, objeto ou parte do corpo investido de qualidades eróticas, numa estrutura psicopatológica -, temos uma transversal que vai da capacidade de produzir atos e realidades mágicas e sobrenaturais ao caráter de culto de objetos e ídolos, ambas atravessadas pela dimensão do *pathos* - a paixão e o desejo, portanto.

O aspecto mágico-religioso do capitalismo detectado por Marx será posteriormente desdobrado por Walter Benjamin, numa escrita que não se furta a sondar a magia do mundo a partir das fantasmagorias que emergem na experiência urbana, no cinema, na literatura, na história. Para este crítico, tratava-se tanto de decifrar o aspecto enfeitiçador do capital quanto de reabilitar a imaginação estética e política com vistas a "implodir os cárceres do real" (BENJAMIN, 2015: 29).

Em outra chave, Silvia Federici (2017) também pensa a gênese do capitalismo como um processo intimamente relacionado ao campo da feitiçaria. A autora demonstra que os cercamentos que permitiram a privatização de terras antes comuns ocorreram coetaneamente à perseguição das bruxas na Europa, naquilo que pode ser considerado um cercamento de práticas e saberes populares associados ao universo feminino. A princípio, essa tese sugere um alinhamento com a hipótese do desencantamento do mundo vaticinado por Max Weber: a erradicação da bruxaria daria lugar ao estabelecimento de saberes e práticas especializadas, pretensamente técnicas e objetivas, ao passo que às mulheres, agora destituídas de sua magia, restaria o trabalho reprodutivo não pago.

Isabelle Stengers e Philippe Pignarre (2011) acrescentam uma camada à hipótese de Federici: não se trataria de desencantamento, mas mais exatamente de uma captura da feitiçaria no curso do processo de consolidação do capitalismo, esta forma muito particular de feitiçaria sem feiticeiros. No maquinário político, subjetivo e epistemológico do capital, o caráter enfeitiçante fica submetido a um aparelho centralizador, que se arroga a tarefa de codificar a verdade, as relações e os modos de existência a partir de sua própria axiomática. Daí que a paixão desmedida pela mercadoria, de que nos falamos tão agudamente Davi Kopenawa Yanomami e Bruce Albert (2015), seja condição permanentemente reforçada pelo capitalismo, ao passo que as paixões que desviam das normas sexuais e de gênero sejam condenadas, por pastores, médicos e psicólogos, como obra do demônio ou efeito de uma psique desorganizada, para ficar num exemplo quase óbvio da precisão dos dicionários.

Do marxismo heterodoxo de Walter Benjamin à cosmopolítica de Isabelle Stengers, vislumbra-se uma estranha tradição que recusa a hipótese de que o mundo tenha se desencantado; trata-se justamente de compreender os processos pelos quais o caráter enfeitiçante das coisas e das práticas foi posto a serviço do capital e de suas tristes paixões, para evocar um velho bruxo excomungado; trata-se de lançar mão de mandingas e encantamentos que ajudem a forjar escapes desse regime de captura e desestabilizá-lo. Se é verdade que o capital precisou esconjurar os feiticeiros para se estabelecer, não bastaria aqui evocar o velho ditado popular: em vez de "virar o feitiço", adotando a mesma gramática em sentido contrário, interessa-nos especular alianças com os seres e saberes, humanos e não-humanos, que sofreram e sofrem o bruto quebranto do capital, na aposta de que assim se possa conjurar outros mundos.

É nesse diapasão que a dimensão do encantamento nos interessou, como alegoria das práticas que foram violentadas, ignoradas e suprimidas em nome da representação, da unidade, da coerência, da coerção e da técnica que marcam a consolidação da tradição política e científica moderna. Saberes subalternizados, práticas menores, experimentações estéticas, devires minoritários: trata-se de convocar tudo isso que teria o condão de encantar ou contraenfeitiçar nosso presente, retomando nele a heterogeneidade, a multiplicidade e a força do pensamento especulativo. É precisamente esse o sentido evocado por Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2020), quando afirmam que o contrário da vida não é a morte, mas o desencantamento, operado nestas bandas ao longo de mais de 500 anos de violência colonial. Contra a aniquilação, a tarefa do encantamento consistiria em

afirmar a vida neste e nos outros mundos - múltiplos feito as folhas - como pássaros capazes de bailar acima das fogueiras, com a coragem para desafiar o incêndio e o cuidado para não queimar as asas. Chamuscados, feridos, mas plenos e intensos, cantando por saber que a vida é voo. (SIMAS e RUFINO, 2020: 18)

\*\*\*

A malha densa e porosa de que são compostas as coisas a serem pensadas, impregnada de tempo histórico, nos convida a uma imersão no tempo em que vivemos, de forma a não abdicarmos de nossa própria época, por mais que sejam assustadores os seus signos. Pois o presente não está à nossa espera; nos surpreende, nos escapa. Escorrega, foge, é intempestivo. Seu destino? A imprevisibilidade. Pesquisar o presente foi o desafio dos autores e autoras que compõem esse dossiê. Como articular alianças com diversos saberes de modo a nos lançarmos na tecedura de mundos outros? Percursos foram traçados, assumindo uma postura que nos impele a lembrar do que nunca soubemos (ROSA, 1993), à espreita dos acontecimentos.

Realizamos uma deambulação entre campos teóricos específicos e a complexidade do tempo que os viabilizou, apresentando, assim, um dossiê com espessura argumentativa múltipla e dialógica, de forma que o pensamento possa parar bruscamente a fim de exercitar uma atividade de leitura sobre as coisas passageiras, ou aquelas que, de forma arrogante, nos são rerepresentadas como perenes, como é o caso do fascismo, incrustado no cerne de um país que costumávamos afirmar que conhecíamos. Ao tecer em palavras experiências e entrelaçar linhas e textos variados, buscamos dar visibilidade a uma miríade de gestos atualizados por pesquisadoras e pesquisadores, cuja expressão se dá mais nos modos de pesquisar e menos no resultado da pesquisa, numa processualidade ininterrupta; pesquisas em transformação, em franca dimensão impessoal, fabricando uma experiência mutante, com desvios, forjando estratégias narrativas cujo objetivo não é a sujeição, mas a “trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem” (BARTHES, 2013: 27). Na indissociabilidade entre forma e conteúdo, os trabalhos aqui apresentados encontram esteio em um exercício ético permanente, que toma o ato do pensamento como prática transformadora daquele que pensa (FOUCAULT, 2007).

Trata-se de um dossiê de caráter assumidamente ético-político, forjado a partir de um exercício interpretativo ativo sobre fragmentos do tempo presente. Tais fragmentos são como grãos com os quais semeamos o exercício da crítica, nunca realizado de forma distanciada em relação ao burburinho da cidade e ao acaso dos acontecimentos históricos. Ainda não refeitos da violência institucional do neofascismo no Brasil, insistimos na responsabilidade com os campos em que nos encontramos, imersos na época tensa em que se pensa e faz ciências humanas no Brasil. Um leque de questões heterogêneas é aqui apresentado, mas a ausência de um ponto de ancoragem não dispersa os objetos através dos quais inauguramos textos e intervenções. Para seguir enfrentando as sórdidas estratégias publicitárias e mercadológicas em curso até mesmo no espaço universitário, ousamos requerer leitores atentos: uma atenção importante às mutações da política, espaço e experiência em que o lento e hesitante exercício do pensamento retoma seu lugar diante de palavras ocas e jargões sedutores. Para não sermos enfeitados como intelectuais desprovidos de compreensão histórica, buscamos revidar a caracterização dos quadros fantasmagóricos da urbe com análises atentas à amplitude do feitiço neoliberal sobre nossas existências: feitiço e encantamento não são correspondentes pontuais do fetichismo da mercadoria. O inusual exercício crítico de pensadores e pensadoras aqui citados nos ajuda a fabular diásporas, exílios e presenças cambiantes na cidade e na história, afirmando, como contrapartida aos feitiços empobrecedores, os encantamentos engendrados com a devida

preocupação materialista; uma atitude ética de cultivar o mal estar com o presente a fim de dar vazão a modos de vida disruptivos ante as prisões cishetero-normativas, da branquitude, coloniais, fascistas e capitalistas que nos cercam. Magia do pensamento que convida a compreendermos a dignidade do nosso tempo, sem deixar de lado os enfrentamentos institucionais e históricos que são necessários para que a reflexão híbrida, com a experimentação de novas racionalidades e sensibilidades, restitua o desejo de continuar pensando, intervindo, multiplicando ações pedagógicas feitas no calor do momento, sempre lançadas à luta irretocável contra o fascismo.

Os artigos aqui apresentados são oriundos de investigações debruçadas em livros, atentas à politização da existência de minorias, preocupadas com a densidade de categorias passíveis de serem pensadas com o auxílio de distintas cosmologias, e revelam problematizações realizadas num amplo diálogo com campos do conhecimento, tensionadas com temas incontornáveis do campo da educação, da saúde, das artes e dos movimentos sociais; eles constituem um convite para pensar o presente rumo à coprodução de outros mundos e modos de existência que rompam com as feitiçarias que tentam capturar nossas vidas. Lançamo-los ao mundo para que se aliem aos movimentos mais interessados em dissipar a fumaça que se ergue diante de nosso pensamento, na aposta de que possam ajudar a abrir caminhos para fora de nossa longa noite.

## Referências

- ANTUNES, P. F. R. Marx e o “caráter de fetiche/feitiço”: omissões e equívocos. De uma tripla definição a uma crítica a Adorno. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, 10 (1): 171-193, 2019.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2013
- BENJAMIN, W. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: CAPISTRANO, T. (org.). *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015. pp. 9-40.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro III. Tomo II. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- PIGNARRE, Philippe; STENGERS, Isabelle. *Capitalist Sorcery: Breaking the Spell*. Palgrave Macmillan, 2011.
- ROSA, Guimarães. *Magma*. SP: Editora Nova Fronteira, 1997 (póstumo)
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.